

GÊNERO E SEXUALIDADE: CONSTRUÇÕES DA DIFERENÇA NA VIVÊNCIA ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO (2007-2008)

Discente: Luana Pagano Peres Molina/ UEL
Orientadora: Prof^{fa}. Dr^a. Maria de Fátima da Cunha/ UEL

Este projeto de iniciação científica que se foca em questões de gênero e sexualidade e que acabou desdobrando-se na minha tese de conclusão de curso tem como objetivo desenvolver uma análise e reflexão acerca da construção sócio-cultural, no que diz respeito aos papéis de gênero e sexualidade que são construídos ao longo de nossa vida e nos liga intimamente com a sociedade, a cultura vigente e a maneira como nos relacionamos com os outros.

A compreensão referente à sexualidade e gênero e a maneira como estas se interagem, são reflexos da construção e imposição ao longo do tempo das diferentes composições da idéia de gênero e sexualidade que há em diversas culturas e sociedades, portanto para seu estudo levou-se em conta as transformações socioculturais onde estão inseridas, no caso deste trabalho, a sociedade ocidental.

O conceito de gênero procura explicar as relações sociais entre homens e mulheres, resultado de questionamentos que surgiram no movimento feminista e pós diversas tentativas de explicar através de teorias a condição da subordinação feminina. Não havendo uma explicação coerente que articulasse a opressão das mulheres no trabalho, família, sexualidade, poder e identidade, nesse sentido, o conceito de gênero veio buscar uma compreensão destas questões e permitir analisar as suas conseqüentes relações.

Foi um momento relevante para questionamentos sobre gênero, devido às conquistas conseguidas, como por exemplo, o direito ao voto e todas as mudanças que ocorreram com a chamada “revolução sexual”, além das pertinentes reivindicações devido à desigualdade no exercício de direitos, como políticos, trabalhistas e civis. O feminismo no Brasil, devido à influência dos movimentos feministas da Europa e dos Estados Unidos, começa a ganhar espaço social e a historiografia passa a se interessar pela participação feminina, buscando a compreensão da trajetória histórica e da construção de seu lugar social, que segundo Guacira Lopes Louroⁱ:

[...] levantaram informações, construíram estatísticas, apontaram lacunas em registros oficiais, vieses nos livros escolares, deram voz àquelas que eram silenciosas e silenciadas, focalizaram áreas, temas e problemas que não habitavam o espaço acadêmico, falaram do cotidiano, da família, da sexualidade, do doméstico, dos sentimentos [...]. (LOURO,1999:19)

Essa mesma autora, diz que a sexualidade é construída e apreendida num processo de diferentes modos e sujeitos. Será através do diversos processos culturais, que será produzida e transformada a simbologia do corpo, ganhando um sentido social que será estabelecido ou codificado, ou seja, as identidades de gênero serão compostas e definidas por relações sociais de poder de determinada sociedade.

Assim, ao dizermos que as relações de gênero são construídas socialmente, isso implica dizer que elas se dão de forma diferente de uma sociedade para outra e em épocas diferentes. Ou seja, os sujeitos históricos têm suas relações fundamentadas por um padrão dominante no gênero, por isso, o foco deste trabalho é se pensar e repensar a necessidade da desconstrução do que é ser homem e ser mulher na sociedade atual, abrindo possibilidades existentes na compreensão das diferentes formas de masculinidade e feminilidade que se constituem socialmente. Incorporando essa discussão, Louro levanta questionamentos que poderão levantar problemáticas como o conceito de heterossexualidade, tratando de mulheres e homens que vivem feminilidades e masculinidades de formas diversas e não hegemônicas e, portanto, ao aceitarmos que a construção de gênero é histórica e se faz e refaz constantemente, estamos entendendo que as relações de gênero, seus discursos e representações também são históricos e estão em constante mudança.

Acredita-se que os questionamentos que permeiam as relações sociais entre os sexos constituem-se numa rede ideológica, onde acaba por colocar o ser humano numa relação hierarquizada. No que se refere às relações de gênero, apesar dos avanços das ultimas décadas, a forma como estão intrínsecas na nossa sociedade e os valores predominantes acabam por colocar a mulher numa posição e situação de subordinação.

As diversas instituições, como a escola, universidade, família, igreja, mídia, entre outros, colaboram diretamente na construção das identidades masculinas e

femininas, influenciando nas suas relações. Portanto, desde crianças, na observação de como se dão as relações de gênero dentro de casa e fora dela, na orientação que recebem quanto aos brinquedos e brincadeiras, roupas, e modos tidos como mais adequados a cada gênero, as crianças são treinadas a desenvolver papéis e habilidades específicas e diferenciadas, que irão influenciar ao longo de sua vida.

A naturalização dos papéis e das relações de gênero faz parte de uma ideologia que tenta crer que esta realidade é fruto da biologia, de uma essência masculina e feminina, como se homens e mulheres já nascessem assim. Ora, o que é ser mulher e ser homem não é fruto da natureza, mas da forma como as pessoas vão aprendendo a ser, em uma determinada sociedade, em um determinado momento histórico. Por isso, desnaturalizar e explicar os mecanismos que conformam essas identidades são fundamentais para compreender as relações entre homens e mulheres, e também seu papel na construção do conjunto das relações sociais.” (FARIA e NOBRE, 2003: 29)ⁱⁱ

Assim, as atribuições sociais impostas, que levam à manutenção das desigualdades, da forma como estão – mesmo que muitas vezes ainda despercebidas e ou camufladas – são formas de manter a opressão entre os gêneros, na tentativa de manutenção na permanência entre homens e mulheres nos seus lugares sociais.

Michael Foucaultⁱⁱⁱ e suas contribuições a respeito das relações de poder, diz que o poder não é centralidade, mas sim que pode ser constituído por toda sociedade, se exercendo em estratégias e manobras, ao que ele chama de *exercício de poder*. Esse exercício de poder ocorre entre sujeitos que transgredindo essa relação, acaba por encontrar, incitar, produzir e criar a resistência, que é inerente a qualquer exercício do poder.

Hoje homens e mulheres, através de suas diferentes práticas sociais, constroem relações em que há esse exercício de poder, ao buscar negociações, avanços, entendimento na diversidade de suas relações, de seus poderes. Mas, essas relações certamente não são construídas somente por mecanismos de repressão ou censura, são tecidas também através de gestos, modo de ser e agir, condutas e posturas, por fim, os gêneros também se produzem e reproduzem nas e pelas relações de poder, nos diz Louro.^{iv}

Já ao tratar sobre sexualidade, as relações sociais entre homens e mulheres dentro da conotação sexual, são influenciadas diretamente pelas expectativas dos estereótipos, que mudam e se transformam historicamente e conjuntamente com as sociedades, criando os papéis sociais estabelecidos pela identidade de gênero. Assim como a identidade de gênero é intrinsecamente ligado a ela, as atividades sexuais ocorrem segundo as particularidades do indivíduo frente às exigências culturais, normas e padrões da sociedade. Segundo a autora Werebe^v, devido à intervenção dos fatores ideológicos na sexualidade humana não podemos estudá-la e caracterizá-la fora de seu contexto sócio-cultural que esta inserida.

Todo indivíduo nasce num momento dado da história, no seio de uma cultura distinta. Seus desejos, suas emoções e relações interpessoais são formados pelas suas interações com a cultura, dentro da sociedade em que vive. ((WEREBE, 1998: 15)

Portanto, cada cultura irá determinar quais são as práticas sexuais mais apropriadas, morais e saudáveis. Segundo essa mesma autora, cada sociedade irá se organizar através da divisão social e sexual do trabalho, distribuição de empregos, regulamentação e legalização das uniões conjugais, as responsabilidades paternas e funções domésticas. Fixando assim, os papéis sexuais que são definidos e impostos em diferentes culturas.

O conceito de sexualidade difere-se do conceito de sexo. O sexo refere-se à relação sexual, o ato em si. Enquanto que a sexualidade é muito mais uma questão social que individual, sendo regida pelos comportamentos, normas e regras culturais, a orientação sexual do indivíduo, a afetividade, o amor, o contato entre as duas pessoas, o prazer, a curiosidade, descobertas, a atração e entre outros sentimentos que ampliam a dimensão da sexualidade, levando em conta, o papel e o valor do sexo que cada cultura cria. Mary Neide Figueiró^{vi} nos diz:

O significado do sexo e da sexualidade consiste em que o primeiro está relacionado diretamente ao ato sexual e à satisfação da necessidade biológica de obter prazer sexual [...]. A sexualidade, por sua vez, inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade. Inclui também, os valores e as normas morais que cada cultura elabora sobre o comportamento sexual. (FIGUEIRÓ, 2003:2)

O tema referente ao sexo e as diversas formas de se fazer sexualidade, sempre foram silenciados, tratados como tabu, tratado como vergonhoso, impuro e pecaminoso. As instituições manipulam o sexo de todas as formas e o corpo em toda sua dimensão foi controlado, domesticado e submetido a padrões, disciplina, através de estereótipos, mentalidades, vestuários, etc. Assim o imaginário, enquanto campo de significações produzidas sofre continuamente manipulações culturais.

Por fim, não se pode repensar a sexualidade sem discutir os papéis sócio-sexuais, onde conseqüentemente perceber as crenças, atitudes e valores, é estudar o indivíduo inserido em sua dimensão social, o que inclui o aspecto político, educacional, religioso.

-VIVÊNCIA ESCOLAR: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO ENSINO.

Escolhi desenvolver esse projeto no âmbito escolar, cujo foco especificamente são alunos do primeiro colegial do ensino médio, do Colégio Aplicação em Londrina, Paraná, por entender que a fase da “adolescência” está marcada pelas transformações nas várias dimensões psicossociais e culturais, onde o jovem busca e confronta sua identidade pessoal, sexual e social. É nessa fase da vida que fica mais visível, a incorporação dos modelos de masculinidade e feminilidade e será nesse contexto que se forjam as relações sociais entre os sexos, ou seja, as relações de gênero, que vão dar forma e significado às atitudes e práticas como homem ou mulher, suas interações sexuais, idéias e representações sobre a sexualidade e identidade sexual.

Por isso defendo uma educação sexual realmente efetiva e presente na educação, que seja um espaço para o jovem, para discutir seus sentimentos, descobertas, angústias, dúvidas, informações com clareza e objetividade, dando-lhe através de grupos de estudos e momentos de reflexão oportunidades para pensarem e debaterem sobre todos os assuntos ligados ao sexo, a fim de se formar uma idéia com respeito e naturalidade a respeito da sexualidade e tornando-se um sujeito ativo e crítico quando a sua identidade de gênero, uma vez que a idéia é

preparar o indivíduo para perceber e receber de forma crítica as diversas formas de se viver a sexualidade, o masculino e feminino presentes no dia-a-dia, já que esse processo não termina na adolescência, pelo contrário, estamos remodelando nossa visão da sexualidade e gênero ao longo de toda nossa vida.

Segundo Mary Neide Figueiró^{vii}:

A Educação Sexual deve formar indivíduos autônomos, tanto moral quanto intelectualmente [...] Ihe ensinar também a expressão de sentimentos, tanto positivos, de amor, alegria, por exemplo, quanto negativos, de aborrecimento, tristeza, mágoa. (FIGUEIRO,1999: 109)

Inseridos culturalmente no contexto social, temos uma série de preconceitos, idéias e sentimentos, às vezes contraditórios, mas negativos em relação à sexualidade. Por isso, encontra-se a importância da presença de uma educação sexual no ambiente escolar, uma vez que o intuito não é designar o certo ou errado nas relações de gênero e sexualidade, mas sim trabalhando com estes temas decorreríamos expressões de sentimentos, atitudes e formação de valores morais, trabalhando o relacionamento humano e aprimorando as relações interpessoais:

[...] o ensino de sexualidade deve abranger o respeito à diversidade, isto é, o respeito aos homossexuais, às prostitutas e às pessoas portadoras do vírus da Aids. Assim, o trabalho em Educação Sexual abre-nos para repensar nossas atitudes em relação às pessoas que fazem parte das minorias [...] (Figueiró, 2003:2)

Esta pesquisa foi realizada através de um questionário, como forma de coleta de dados, com caráter exploratório acerca do tema, aplicado em três primeiros anos do ensino Médio, do Colégio José Aluisio Aragão, que é o Colégio de Aplicação das licenciaturas da Universidade Estadual de Londrina, no Paraná, durante o ano letivo de 2008. Este colégio é uma instituição pública na zona central da cidade, e o público atendido pertence basicamente à classe média.

O questionário constitui-se de um total de 13 questões, sendo divididos basicamente em três partes. Nas 4 primeiras questões, fizemos questões que tencionam mapear e fazer uma caracterização do perfil sócio cultural do aluno, como idade, religião, renda familiar, se o adolescente vive com pai e mãe, se tem irmãos e quantos (aqui essa pergunta torna-se interessante, porque caso tiverem irmãos mais velhos, possuem um referencial de comportamentos, gostos, maneiras, próprios das

relações entre irmãos, que influência também na incorporação de modelos masculinos e femininos), e por fim, se os pais trabalham fora, onde eles costumam ir após as aulas (no intuito de saber se trabalham) e se vão para casa com quem costumam ficar (como por exemplo, sozinhos, com avós e ou irmãos).

Já na segunda e terceira parte deste questionário as perguntas são voltadas para investigar sobre a vivência da sexualidade (aqui, esse termo esta empregado na abrangência desta palavra, como explicado no primeiro capítulo) buscando perceber se já possuíram algum tipo de educação sexual (na escola, na família ou na igreja), se na suas casas eles possuem algum espaço para diálogos referente à sexualidade, quem é a pessoa que eles mais conversam sobre sexo, de onde eles recebem maiores informações sobre a sexualidade e qual a idade que eles acreditam ser ideal para começar a vida sexual.

No ultimo momento, sobre as relações entre gênero, o questionário busca investigar se eles acreditam que ainda há discriminação contras as mulheres, se no âmbito escolar ou familiar, ainda existam brincadeiras só para meninos e outras só para as meninas, se na aula de educação física existam esportes que só os meninos devem praticar, incluindo se essas aulas deveriam ser mistas ou separadas e por fim, se no grupinho deles, entre amigos, existam mais meninas ou meninos.

De um total de 65 questionários respondidos, 28 foram de meninos, 34 de meninas e 3 preferiram não se identificar (nem com o nome e nem com o sexo). Entre os questionários das meninas, a faixa etária predominante está entre 14 e 15 anos, com 62% com 15 anos; 20% com 14 anos; 9% com 16 anos e 9% com 17 anos. Das 34 meninas, 4 somente informaram o sexo, mas não o nome.

Já entre os meninos, a faixa etária predominante foi de 15 anos, com 67% dos questionários; 11% de meninos com 14 anos, 11% com 16 anos e 11% com 17 anos. Dos 28 meninos, 7 informaram o sexo, mas não informaram o nome.

Considerando-se a importância de identificar o universo socioeconômico e cultural dos adolescentes, foi solicitado a eles alguns indicadores a respeito da renda de suas famílias. Segundo a Lei No. 15.826 - 01/05/2008, publicado no diário oficial da Assembléia Legislativa do Estado Paraná ¹, o piso mínimo salarial é de R\$ 547,80. Assim, dos 65 questionários, 12% a família vivia com de 1 a 5 salários

¹ Retirado do site: www.parana.pr.gov.br. Acesso no dia: 17/11/2008, às 16: 24 horas.

mínimos (R\$ 547,80 até R\$ 2.739,00); 31% de 5 a 10 salários mínimos (aproximadamente de R\$ 2.739,00 até R\$ 5.478,00); 11% acima de dez salários mínimos (acima de R\$ 5.478,00 reais ao mês); 43% responderam que não sabiam e 3% preferiram não responder. Portanto, a maioria dos adolescentes provêm de famílias cuja faixa de renda, variam de R\$ 547,80 a R\$ 5.478,00 reais ao mês.

Quanto às ocupações dos pais desses adolescentes, 63% tanto o pai quanto a mãe trabalham fora de casa; 24,5% somente o pai trabalha fora, ou seja, a mãe pode não trabalhar ou trabalhar em casa, como percebemos nessas falas: *“Meu pai trabalha fora, depois da escola vou para casa e fico com minha mãe.”*, *“Meu pai trabalha fora, mas minha mãe não, Vou para casa e fico com ela e com meu irmão”* ou *“Meu pai trabalha fora, minha mãe trabalha em casa, após as aulas vou para casa e fico com minha mãe.”*; 3% somente a mãe trabalha fora, assim o pai pode não estar empregado ou trabalhar em casa; 2% nenhum dos dois trabalham; e apenas 7,5% dos jovens trabalham no período pós aula, sendo em sua maioria, ajuda aos pais no trabalho da família, como por exemplo: *“Sim, geralmente ajudo meu pai na loja de eletrônico e as vezes vou para casa e fico sozinha”* ou *“Trabalham, depois das aulas vou ‘pra’ casa e dia de segunda eu fico segunda, os outros dias eu trabalho à tarde com meus pais.”*

Na análise dos questionários frente ao universo familiar, constatou-se que predominantemente os jovens vivem com seus respectivos pais biológicos (pai e mãe); 12% vivem somente com a mãe, como nas seguintes falas: *“Não, só com a minha mãe”*, *“Só com minha mãe, meu padrasto e meu irmão mais velho”* ou *“Não, só com minha mãe, minha irmã e meu irmão”*; 3% vivem somente com o pai, *“Só com o meu pai, porque eles são separados, moramos eu, meus irmãos e meu pai.”* ou *“Não com minha mãe biológica, mas com minha madrasta, com meu pai e irmão.”* e 3% vivem com avós/tios, sem a presença dos pais, *“Com meus avós. Minha mãe está em Portugal e meu pai eu não conheço.”*

Dos 65 questionários, 85% dos adolescentes possuem irmãos e 15% são filhos únicos. Desses 85%, que referem-se à 55 adolescentes com irmãos, 35 deles possuem irmãos mais velhos; 83,5% têm de um a dois irmãos e 16,5% acima de três irmãos.

Outro aspecto da constituição familiar, diz respeito à religião, que é predominantemente composta por católicos e evangélicos, sendo que, 57% dos jovens se denominaram Católicos; 26% Evangélicos; 1,5% Testemunha de Jeová; 1,5% disseram não seguir doutrina nenhuma, respondendo apenas “*Não tenho*” e por fim, 14% não responderam a respeito de sua religião, no caso, ou não tendo ou optando por não revelar.

Portanto, o perfil socioeconômico da maioria desses jovens é de pais que trabalham fora, com um ou mais irmãos, com doutrina religiosa católica ou protestante e possuindo uma renda que pode variar entre R\$ 547,80 a R\$ 5.478,00 reais ao mês.

Já na análise envolvendo diretamente questões da temática proposta a ser trabalhada, iniciamos buscando saber se estes adolescentes já possuíram algum tipo de educação sexual formal, na escola, na família, ou em alguma outra instituição, como por exemplo, a religiosa, entendendo que se esse fato já tivesse ocorrido, eles responderiam as questões sem tanto constrangimento, com mais naturalidade ou com mais clareza acerca do assunto e principalmente tentando identificar o que é para eles a educação sexual. Com isso, 57% dos adolescentes responderam que não tiveram nenhum tipo de educação sexual; 3% não souberam responder, identificados através do “*Não sei, acho que não*” ou “*Mais ou menos*” e 40% disseram ter tido educação sexual. O Interessante aqui é perceber que estes jovens, acreditam terem tido educação sexual, somente com algumas palestras disponibilizadas pela escola ou comunidade e principalmente as aulas de ciências, geralmente voltada a trabalhar a questão do aparelho reprodutor (somente com um caráter biológico), DSTs/AIDS e gravidez.

Como é visível em algumas falas: “*Mais durante a aula de biologia*”, “*A professora de ciências da sexta série falou o primeiro bimestre inteiro sobre doenças sexualmente transmissíveis.*”, “*Já tive na escola, mas era muito raramente*” ou “*Já tive, mas não com frequência*”. A idéia aqui colocada através das respostas dadas, como alguns exemplos citados, é de que a educação sexual trabalhada com esses alunos foi de maneira informal, desarticulada, sem continuidade e sequer foi trabalhado com eles, a intenção daquela educação sexual proposta, o que realmente seria uma educação sexual, suas discussões e desdobramento. Porém, em alguns

casos, como *“Sim, a família comenta e de vez em quando professores dão alguns exemplos”*, *“Minha mãe me dá muitos conselhos sobre isso”* ou *“Na família sim, mas na escola diretamente relacionada a educação sexual não”*, vemos que mesmo de maneira informal, fora do âmbito escolar e principalmente através de diálogos, conversas, trocas de informações, com uma certa “liberdade” de ouvir e falar, o jovem aprecia essa experiência, como educação sexual. O que nos faz pensar, que o próprio jovem apropria-se e reconhece a educação sexual como aquele espaço em que ele pode se expressar, ter um diálogo, através da abertura dos professores e / ou dos pais sobre o assunto.

Na sequência, pergunta-se se há espaço para diálogos a respeito da sexualidade com a família, 28% falaram que não possuem diálogo algum em casa, enquanto 49% constataram que possuem esse espaço de conversa e 23% responderam que há diálogo, mas de maneira esporádica, como *“Muito raro”*, *“Meu pai não gosta muito”*, *“De vez em quando quando o assunto é solicitado ou discutido”*, *“Sim, há dialogo, mas não falamos muito disso, mais todos respeitam cada um.”*e também foi muito comum encontrar algumas respostas, como *“não é comum, mas tem”*, *“muito raro”* ou *“Não digo espaço para diálogos, mas de vez em quando a gente conversa sobre esse assunto, sendo por acaso as vezes por alguma coisa que está passando na TV”* . Os que responderam haver diálogo entre eles e seus pais, somaram-se *“Quando precisa falar, não tem problema nenhum em conversar sobre isso”*, *“Sim, na minha casa nós somos abertos para qualquer assunto”*, *“Sim, sempre houve”*, *“Sim, é um assunto muito discutido”*, ou nos casos mais das meninas, percebemos que estas procuram mais o semblante da mãe, como *“Com a minha avó e minha mãe sim, com os outros não.”*, *“Com minha mãe, sim”*. Já nos casos em que não há nenhum diálogo, os jovens colocam: *“Não, minha mãe tem um pensamento bem antigo”*, *“Nunca cheguei a entrar no assunto”*, *“Não falamos sobre isso”*, *“Nunca tive vontade de conversar sobre isso”*.

Inclusive chegamos a encontrar um caso, em que a falta total de diálogo e provavelmente uma educação informal, que já expressou o sexo como algo ruim e impuro, que deve sempre ser visto, sentindo e acompanhado por um sentimento de vergonha, é o caso deste jovem que ao responder sobre o diálogo familiar diz: *“Ainda bem que não”* e na próxima pergunta que seria qual a pessoa que você se

sente menos desconfortável para falar sobre sexo, declara: *“Não falo de sexo com ninguém a não ser em piadas com os amigos”*.

Nessa pergunta que seria sobre a pessoa que o jovem mais se sente à vontade para falar sobre sexo, a resposta foi predominantemente os amigos, devido a intimidade criada entre eles, como segredos, os gostos, a importância do sentimento de pertencimento por alguém que vá compreender você, como *“Minha melhor amiga, acho que é por ela ter a mesma idade que eu”*, *“Amigos, pois é um assunto mais fácil e menos constrangedor de conversar com os amigos”*, *“Um amigo”*, *“Minhas amigas, porque com minha mãe não dá para conversar sobre esse assunto, já minhas amigas é um papo mais aberto, sem vergonha”*, e até mesmo por essa questão de proximidade de idade, acreditar que estão passando pelas mesmas descobertas e situações, muitas vezes a conversa dentro da família, resume-se somente entre os primos e irmãos, *“Minhas primas, por serem da mesma idade”*, *“Com minha mãe (me sinto desconfortável), não gosto, prefiro conversar com minha irmã”*, mas o curioso que muitos responderam não a pessoa que ele sente-se mais confortável e sim quem o deixa mais desconfortável e aí, a resposta predominou entre os pais (principalmente a figura do pai) e professores.

Essa pergunta foi uma das mais interessantes, por que além de se perceber como o sexo ainda é um tabu muito forte, mesmo na mentalidade e vivência do jovem percebemos também alguns preconceitos nas relações de gênero, principalmente entre a menina que não fala de maneira alguma com o pai sobre esse assunto, simplesmente porque ele é homem, assim muitas meninas responderam, *“Meu pai, como ele é homem acho que não entende muito, não tem o mesmo pensamento que eu”*, *“Meu pai, pelo respeito que eu tenho com a vida privada dele, pela questão dele ser separado”*, *“Meu pai, porque ele é homem e por isso, não me sinto a vontade de falar sobre isso com ele”* e *“Meu pai, porque tenho mais liberdade com minha mãe para falar desses assuntos”*, ou até é uma postura distanciada do próprio pai, quando nega-se a falar sobre isto com as filhas, por sentir-se desconfortável, *“Meu pai, ele não gosta de falar sobre estas coisas comigo”*, diz uma menina de 15 anos.

O fato de os adolescentes terem receio de conversar com os pais, ou os próprios pais não saberem lidar com essa temática, nos faz entender que o

desconforto surgido nessa relação seria compreensível já que muitos desses pais não tiveram uma educação sexual aberta, com diálogos, reflexões, bombardeios na mídia através de programas e novelas, e até mesmo em canções, filmes, perpassando todo o cotidiano. Recebemos algumas respostas como, *“Meu pai e minha mãe é desconfortável, tem certas opiniões deles que não batem com a minha”, “Meu pai, porque ele ia falar um monte pra mim” “Meu pai, ele me acha muito nova para isso”, “Com meus avós, porque quando estamos perguntando, fazem cara feia para responder tudo e dizem ‘você ainda não tem idade para saber disso’”, “minha mãe, ela é sem cabeça”, “com minha família, pois pelo fato de nunca falarmos disso dá sempre um pouco de vergonha”, “com minha família, pois eu sinto vergonha”, “com minha mãe, porque é meio embaraçoso”,* através desses exemplos, percebemos que o sentimento de vergonha perpassa tão intrinsecamente a construção da sexualidade na vida do indivíduo, inclusive perpassando suas relações inter-pessoais, que trabalhar sua sexualidade ou simplesmente conversar sobre ela, traz consigo sentimentos de certo mal-estar, timidez, incerteza, se devem ou não perguntar, e terem receio por não saberem se os pais responderam ou não as suas perguntas e como reagiram a elas.

Porém, vemos alguns casos em que os jovens não conversam com a figura paterna, mas possuem liberdade e diálogo com a mãe. Ainda alguns jovens, acreditam que não devemos conversar isso com ninguém, por serem situações íntimas: *“desconforto com todos, por que sim, hoje em dia não se pode confiar em ninguém”,* diz uma jovem de 15 anos que ao falar sobre o desconforto, dá a sensação de que tem algum medo de sofrer alguma represália, se confiar em alguém e descobrirem. Outros jovens responderam simplesmente *“não falo sobre isso com ninguém”,* e *“Eu não falo sobre isso nem com a minha psicóloga”,* diz esse garoto de 15 anos. Preocupa-me ver como nossos jovens reprimem suas angústias, dúvidas, possuem medo de viver e falar sobre sua sexualidade, seus sentimentos, tudo o que está descobrindo. Falta-lhe a chance de perceber e compreender a sexualidade como algo inerente ao indivíduo, e que não há mal nenhum em conversar sobre isto com outras pessoas, inclusive sua psicóloga, amigos, ou, qualquer um que lhe traga confiança.

Ou ainda um garoto de 15 anos, que responde: *“Todos, porque odeio a ignorância da reação de tais (pessoas) ao começar um diálogo”*, o que dá para compreender aqui, que este jovem não aceita as reações de algumas pessoas, que possam ser mais agressivas, prepotentes e astutas ao iniciar algum diálogo referente à sexualidade, talvez porque esse jovem enxergue esse tema como algo natural e não como algo a ser destrutado, sendo um tabu, silenciado, e colocado sempre de maneira tão preconceituosa.

Por fim, encontramos em pouquíssimos, mas existentes, casos em que o adolescente vê a discussão referente à sexualidade, como algo natural hoje em dia, por isso não acredita e não vê problema algum em se falar sobre isso, *“Minha mãe é bem compreensível”, “Converso abertamente com qualquer pessoa com que convivo, porque hoje considero um assunto muito normal”*, diz esse jovem de 15 anos que fez um curso no Sesc sobre Educação sexual. Outros dizem: *“É um assunto normal”, “Me sinto confortável para falar com qualquer pessoa, porque é um assunto comum hoje em dia”* e *“não (há desconforto), porque você não deve se reprimir”*.

Além de percebermos a importância das posturas dos professores, como já discutido no capítulo anterior, para que possam desenvolver junto aos seus alunos uma dinâmica educacional como um poderoso auxiliar na construção da cultura e do conhecimento sem barreiras, em vez de se mostrarem contra a temática da sexualidade no âmbito escolar, passando despercebidamente aos conflitos dos jovens, como percebemos nessa fala: *“Com alguns professores, desconforto, vergonha, falta de intimidade e compreensão da parte deles”*, diz essa jovem de 17 anos. Sim, os professores como seres humanos, têm o direito de não sentirem-se à vontade de trabalhar algumas questões que permeiam também, seus próprios valores e religiosidade, por isso a importância de a instituição escolar escolher o professor que queira fazer também esse papel de educador sexual. Mas como educadores, eles precisam ao menos buscar um entendimento do que é essa vivência, de descoberta e sentimentos, não acreditando que irão incentivar ao ato sexual, mas sim ajudando-os, sendo um dos alicerces, a passar por essa fase da vida.

Já na questão seguinte, que indaga de onde eles recebem maiores informações sobre a sexualidade, dos 65 questionários, 31 deles, ou seja, 47,5% responderam apenas uma das alternativas, que predomina os amigos, os diálogos e vivências entre eles, como uma das maiores fontes de troca de informações com 58%, a internet com 26%, a escola com 13% e a televisão com 3%. Ressaltamos que é importante essa busca por informações, mas devemos ser críticos quanto às mesmas, perguntando-nos se essas informações são satisfatórias, suficientes e chegam de maneira correta.

Já aqueles que responderam mais de uma alternativa, que corresponde a 52,5%, a análise foi predominantemente a televisão conjuntamente com os amigos, uma das maiores maneiras de os adolescentes obterem informação sobre sexualidade, a internet e a escola vêm em terceiro lugar.

Sobre a indagação que refere-se à idade ideal para iniciar a vida sexual, 43% determinaram uma idade de aproximadamente 17 anos para cima, como o momento “certo” para dar início a sua vida sexual. As justificativas surpreendem quando percebemos que a maior preocupação do jovem é a gravidez indesejada, eles acreditam que sendo maiores de idade, poderiam trabalhar e sustentar a criança e no caso dos meninos, a criança e a namora, caso tivessem algum “acidente”, como vemos: *“Com 18 anos porque você já é maior de idade e já estará trabalhando e ganhando, caso surja frutos dessa relação”, “Só aos 18, porque já vamos ter responsabilidade”, “Aos 18, é quando a formação do corpo se completa”, “18, por causa da maioridade”, “18, porque já tenho mais responsabilidade”, “Acho que quando você tiver mais responsabilidade, uns 18 anos, está bom”, “17 anos, pois já somos mais maduros nessa idade”, “18 pois você já é responsável pelos seus atos”,* um garoto de 15 anos diz, *“18 anos, porque se faz filho, já está trabalhando para sustentar a criança”,* outro da mesma idade também, *“Dos 20 anos em diante, porque caso haja um imprevisto você já terá uma vida financeira estável”,* portanto, percebemos que os jovens estão preocupados em ter maturidade e principalmente responsabilidade para esse grande dilema da adolescência, têm a consciência da importância do ato sexual ocorrer no momento em que você esteja preparado fisicamente e psicologicamente, mas isso não significa que haja uma idade apropriada para isso, seguindo a linha desse pensamento, 37% dos adolescentes

responderam que não há uma idade adequada e sim que vai depender muito do tipo de relacionamento, com quem está se relacionando e de pessoa para pessoa.

Assim podemos perceber em algumas falas: *“Acho que não tem uma idade certa, você tem que estar ciente e seguro do que estiver fazendo”, “Não sei, não existe uma idade específica, quando tiver que acontecer, acontece.”, “vai da mentalidade da pessoa”, “Não tem, por que depende da pessoa”,* uma garota de 14 anos responde: *“Na minha opinião não tem idade e sim o pensamento, do querer da pessoa”,* outra menina de 16 anos diz: *“A idade que a pessoa preferir, que ela achar que está pronta pra isso, e se cuidar, saber que o que acontecer, seja gravidez ou uma doença, ela vai ter que arcar com as consequências.”*

Por ser uma temática que envolve muito as questões religiosas, a primeira vez para as mulheres é ligada à idéia de pureza, sinal de ser uma moça de “família”, respeitosa. Para família, principalmente para o pai, a virgindade da menina é sinônimo de respeito e de honra, agora para os meninos, quanto antes começarem a se relacionarem e terem relações sexuais será melhor. Nos questionários 15,5% responderam que relação sexual só após o casamento, tendo como principal justificativa as questões religiosas de cada um, como: *“depois do casamento independente da idade”*; uma garota evangélica de 17 anos responde: *“depois do casamento, sigo questões religiosas”*; assim como também um garoto evangélico de 15 anos: *“Depois de casar, porque na Bíblia fala que sexo antes do casamento é ‘prostituição’”*, nesse caso percebemos bem os valores e normas religiosas desse jovem. Outro menino de 16 anos diz: *“Depois do casamento porque a religião ensinou assim”*; ou *“Para mim, a vida sexual deve se iniciar após o casamento, pois é o correto [...]”*. Somente 4,5% dos adolescentes não se posicionaram a respeito, ou não respondendo a pergunta ou simplesmente respondendo que não sabiam.

Nas últimas questões, o questionário se coloca mais no intuito de instigar os adolescentes frente às relações de gênero, como é o caso da pergunta se eles crêem que ainda haja preconceito contra a mulher, 2% responderam que não sabiam; 72% responderam que sim, sendo que desse número, 61% eram meninas, 36% meninos e 3% não tinham nome e nem o sexo.

Aqueles que acreditam que ainda haja preconceito, justificaram em sua maioria que sim, mas não deram maiores desdobramento, ou *“Sim, apesar de*

termos conquistado bastante espaço na sociedade”, “Sim, principalmente no trânsito”, coloca uma garota de 15 anos; “Sim, pelo machismo que ainda existe”, “Sim, muitos homens só querem usar as mulheres, mas isso acontece só porque muitas delas dão tal liberdade”, “Se for em relação a pratica de atividades físicas consideradas ‘para meninos’, elas são sim, muito discriminadas”. Um garoto de 15 anos diz: “Sim, basta se ver nas cotas para vereadoras, cargos públicos, motoristas de empresas, frentistas”.

Dos 65 questionários, 26% responderam que as mulheres já não sofrem mais nenhum preconceito: *“Não, isso é paranóia delas”, “Acredito que não, pois são hoje muito qualificadas”, “Não, pois hoje em dias as mulheres tem muitos direitos e estão cada vez mais sendo valorizadas”,* um garoto de 16 anos confessa: *“Não, elas estão até melhores que os homens em alguns trabalhos e coisas”.*

Na pergunta se ainda existem brincadeiras só para meninos e outras só para meninas, 49% responderam que sim, nesse valor os meninos são em maioria representando 50% das opiniões, reconhecendo o preconceito existente, contra 44% de meninas e 4% que não se identificaram como vemos em algumas falas: *“Depende da brincadeira, mas acho que sim”, “Sim, brincadeiras muito violentas, elas não são proibidas, depende da vontade de participar”, “Sim, por exemplo, quando o filho homem quer brincar de boneca e o pai impede temendo que ele vire gay”,* diz uma menina de 15 anos, quanta riqueza para ser trabalhada nessa frase, no sentindo de construções de esteriotipos que cercam tão firmemente as relações entre os gêneros, desde pequenos. Esse exemplo, serve também dentro do âmbito escolar, quando por exemplo, a menina se destaca em algum esporte dedicado só a “garotos”, logo já é taxada de vários apelidos acerca de sua própria sexualidade.

Já 51% das respostas diz que não, não há mais brincadeiras só para meninos e outras só para meninas: *“Não, porque todas brincadeiras devem ser para todos”, “Não, nunca existiu”, “Acredito que não, mas tudo depende da brincadeira” ou “Não, mas regras e algumas modificações sim”.*

Da mesma maneira ocorre em relação aos esportes, a grande maioria acredita que não existam atividades só para meninos ou meninas, porém todos eles frizam a diferença entre os sexos, simbolizando o uso da força, que podem machucar as meninas, aqui voltamos ao discurso do “eterno feminino”, como a

mulher sendo frágil e delicada, que precisa ser cuidada. Essas idéias inclusive vêm das próprias meninas ao chamarem os garotos de brutos e violentos. Porém alguns defenderam a necessidade dos esportes na aula de educação física não separarem os meninos das meninas, pois *“deveria ser um jogo de todos, porque todos merecem aprender algo diferente.”*.

Por fim, através dos questionários aplicados a esses adolescentes, podemos perceber as contradições investidas nos discursos desses jovens, até porque de 65 adolescentes, todos possuem uma educação familiar diferente uns dos outros, possuem uma vida socioeconômica que também os diferem, fruto das desigualdades sociais, crenças, histórias, vivências que os fazem perceber o cotidiano ao seu redor, através de um olhar seletivo, ou seja, eles vêm da maneira como são condicionados a verem pelas instituições sociais. Porém, alguns que tiveram a oportunidade de serem incentivados a uma criticidade maior, seja através de diálogos familiares ou mesmo por algum professor, conseguem perceber a necessidade de mudanças. Constatamos aqui a importância da educação sexual, do educador presente de maneira efetiva na vida desses jovens, no exercício da libertação dos papéis sociais do feminino e masculino, expressa numa representação social como verdade, saber e conhecimento sexual, a fim de apagar o traçado e fronteiras entre os sexos.

Para finalização deste artigo, destaco uma fala do educador Paulo Freire que traduz sutilmente a intenção deste trabalho e das minhas idéias como historiadora e acima disso, como educadora:

A Sexualidade, enquanto possibilidade de nós mesmos, de produção de vida e de existência, de gozo e de boniteza, exige de nós essa volta crítica – amorosa, essa busca pelo saber de nosso corpo. Não podemos estar sendo, autenticamente, no mundo e com o mundo, se nos fecharmos medrosos e hipócritas aos mistérios de nosso corpo ou se tratarmos, aos mistérios, cínica e irresponsavelmente.

ⁱ LOURO, Guacira Lopes. “Gênero, Sexualidade e Educação”. Ed. Vozes. Petrópolis: 1999.

ⁱⁱ FARIA, Nalu, NOBRE, Miriam. “Gênero e Desigualdade”. São Paulo: Cadernos Sempre viva, 1997.

ⁱⁱⁱ FOUCAULT, Michael. “Vigiar e Punir”. Rio de Janeiro. Ed. Graal:1993. pg.29

^{iv} Idem 2. pg. 41.

^v WEREBE, Maria José Garcia. “Sexualidade, Política e Educação.” Campinas, SP: Autores Associados, 1998. Pg.15.

^{vi} FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. “Educação Sexual: Como ensinar no espaço da escola”. In: Anais do I Congresso de Educação Inclusiva”. SP. 2003.

^{vii} FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. “Educação Sexual no dia a dia”. Londrina. Ed. UEL: 1999. Pg. 109.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, Branca Moreira & PINTANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. Coleção Primeiro Passos. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1985.

ABUD, Kátia Maria. Conhecimento Histórico e Ensino de História: A produção de conhecimento histórico escolar. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora & CAINELLI, Marlene R. (Orgs.). **III Encontro de perspectivas do ensino de história**. Curitiba: Ed. Quatro Ventos. 1995.

ARAÚJO, Maria Luiza. A construção histórica da sexualidade. In: RIBEIRO, Marcos (Org.). **O Prazer e o Pensa**. São Paulo: Ed. Gente. 1999. p. 13-35.

BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto. 2002.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales 1929 – 1989**. São Paulo: Ed. Unesp. 1997.

CARVALHO, Alysson; SALLES, Fátima & GUIMARÃES, Marília; **Desenvolvimento e aprendizagem**. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2003.

CUNHA, Maria de Fátima da. Gênero e Sexualidade nos PCNs. In: **Fronteiras**, vol. 15, Florianópolis. 2007.

FARIA, Nalu & NOBRE, Miriam. **Gênero e Desigualdade**. São Paulo: Cadernos Sempre viva. 1997.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação Sexual no dia a dia**. Londrina: Ed. UEL. 1999.

_____. **Educação Sexual: Retomando uma proposta, um desafio**. Londrina: Ed. UEL. 2001.

_____. Educação Sexual: Como ensinar no espaço da escola. In: **Anais do I Congresso de Educação Inclusiva**. São Paulo. 2003.

_____. & RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal (Orgs.). **Adolescência em questão: Estudos sobre a sexualidade**. São Paulo. Ed. Cultura Acadêmica. 2006.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática do ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas: Papirus. 2003.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro: Ed. Graal. 1993.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Ed. Graal. 1992.

GREEN, Bill & BIGUM, Chris. **Alienígenas em sala de aula**. – Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes. 1995.

LOURO. Guacira Lopes. **O Corpo Educado**. Belo Horizonte: Ed. Autentica. 1999 (a).

_____. **Gênero, Sexualidade e Educação**. Petrópolis: Ed. Vozes. 1999 (b).

_____. **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Petrópolis: Ed. Vozes. 2003.

PAIM, Elison Antonio. **Do formar ao fazer-se professor**. In: MONTEIRO, Ana Maria (Org.). **Ensino de História – sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad/Faperj. 2007. p. 157-171.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Temas Transversais. Pluralidade cultural: orientação sexual/Secretaria da Educação. Ensino Fundamental**. 2. Ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2000.

PEDRO, Joana Maria & GROSSI, Miriam Pilar (Orgs.). **Masculino, Feminino, Plural: Gênero na interdisciplinaridade**. Florianópolis: Ed. Mulheres. 1998.

RANÑA, Wagner. Os desafios da adolescência. In: Revista Mente e Cérebro. Edição. 55, dez. – 2005. Retirado do site: www.vivermentecerebro.com.br acessado em 14 de fevereiro de 2006 às 11 hs.

RIBEIRO, Marcos (Org.) **“O Prazer e o Pensar”**. São Paulo. Ed. Gente: 1999.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal & FIGUEIRÓ, Mary Neide Damicó (Orgs.). **Sexualidade, cultura e educação sexual: Propostas para reflexão**. Araraquara/São Paulo: FCL-Unesp Laboratório Editorial/Cultura Acadêmica Editora. 2006.

SÂMARA, Eni de Mesquita. **Gênero em debate: Trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea**. São Paulo: 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade – Uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Ed. Autentica. 2001.

SIMAN, Lana Mara de Castro Siman. **Inaugurando a História e Construindo a nação**. Belo Horizonte: Ed. Autentica. 2001.

_____. **A Temporalidade Histórica como Categoria Científica do Pensamento Histórico: Desafios Para o Ensino e Aprendizagem.** Campinas: Ed. Alínea. 2003.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. (Org.). **A Escrita da História.** São Paulo: Ed. Unesp. 1992.

TOSCANO, Moema. **Estereótipos Sexuais na Educação um manual para o educador.** Petrópolis: Vozes. 2000.

VASCONCELOS, Naumi de. **Amor e Sexo na Adolescência.** 12 ed. São Paulo: Polêmica, 1985.